



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGÜÍSTICA
ISSN 2525-3441

DOI: 10.18764/2525-3441V9N25.2024.14

A NATUREZA DA OFENSA DOS TERMOS DERIVADOS DE ANIMAIS

THE NATURE OF OFFENSE IN TERMS DERIVED FROM ANIMALS

Giovanna Costa Silva

<https://orcid.org/0000-0002-3343-8290>

Renato Miguel Basso

<https://orcid.org/0000-0003-2580-0365>

Resumo: Nesse artigo exploraremos propriedades semânticas, morfológicas, e a natureza da ofensa dos termos derivados de nomes de animais, ou seja, qual é o domínio de significado a partir do qual um dado termo é ofensivo. Num primeiro momento, baseados em Basso e Silva (2024), mostraremos que os pejorativos derivados de nomes de animais podem ser classificados como ofensas, injúrias e injúrias de gênero, para então explorar algumas de suas características morfossintáticas, e então investigar as razões por trás da pejoratividade desses termos, se eles têm a ver com comportamento sexual, capacidades cognitivas, formato do corpo, entre outros. Este não é um trabalho exaustivo, mas pode ser visto como um panorama das ofensas baseadas em nomes de animais e dos valores atualmente em jogo na sociedade brasileira quando se trata de ofensas.

Palavras-chave: Ofensas; Injúrias; Nomes de animais.

Abstract: In this article we will explore semantic, morphological properties, and the nature of the offense of terms derived from animal names, that is, what is the domain of meaning from which a given term is offensive. Firstly, based on Basso and Silva (2024), we will show that pejoratives derived from animal names can be classified as insults, slurs and gendered slurs, to then explore some of their morphosyntactic characteristics, and then investigate the reasons behind the pejorativeness of these terms, whether it has to do with sexual behavior, cognitive capabilities, body shape, among others. This is not an exhaustive work, but it can be seen as an overview of offenses based on animal names and the values currently at play in Brazilian society when it comes to offenses.

Keywords: Offenses; Slurs; Animal names.



INTRODUÇÃO

O português brasileiro (PB) contemporâneo conta com um vasto inventário de termos pejorativos derivados de nomes de animais, como ‘burro’, ‘baleia’, ‘piranha’, ‘vaca’, entre vários outros. Apesar de todos esses termos serem pejorativos por empregar uma mesma estratégia de ofender por “desumanizar” seus alvos, comparando pessoas a animais, considerados inferiores, esses termos (i) não pertencem todos a uma mesma categoria gramatical, (ii) não possuem as mesmas possibilidades morfológicas, (iii) nem são ofensivos pelos mesmos motivos, e são justamente essas nuances que exploraremos no presente texto.

Veremos aqui que os pejorativos derivados de nomes de animais não ofendem sempre da mesma maneira, não somente porque eles pertencem a categorias gramaticais distintas, com conteúdos semânticos específicos, mas também porque eles mobilizam preconceitos diferentes que, infelizmente, ainda persistem e expõem aspectos considerados negativos da sociedade atual brasileira.

Neste artigo, na seção 1, expomos o inventário de termos que analisaremos, que, conforme será descrito, não é um inventário exaustivo e é baseado na intuição de falante nativo do interior de São Paulo. Ainda nessa seção, argumentamos que os pejorativos derivados de nomes de animais podem ser classificados em três tipos de acordo com seu comportamento semântico-gramatical, como (i) ofensas, (ii) injúrias e (iii) injúrias de gênero. Feito isso, na seção 2, exploraremos as possibilidades morfológicas do inventário de termos que analisaremos, e isso constitui nossa segunda tipologia. Na seção 3, elaboramos uma terceira tipologia dos pejorativos derivados de nomes de animais com base na origem da ofensa - comportamento, cognição, formato do corpo, entre outros. Finalmente, na Conclusão faremos uma recapitulação dos principais resultados e de algumas questões em aberto.

2

PEJORATIVOS DERIVADOS DE ANIMAIS E SEU COMPORTAMENTO SEMÂNTICO-GRAMATICAL

A quantidade de termos derivados de nomes de animais com caráter pejorativo no português brasileiro (PB) atual é relativamente grande, e, como exemplos desses termos, podemos citar os seguintes: ‘anta’; ‘baleia’; ‘burro/a’; ‘cachorro/a’;

‘cadela’; ‘cão’; ‘cavalo/a’; ‘cobra’; ‘égua’; ‘galinha’; ‘jegue’; ‘jumento/a’; ‘macaco/a’; ‘mula’; ‘perua’; ‘piranha’; ‘porco/a’; ‘vaca’; ‘ve(i)ado’, entre outros¹.

Certamente, o breve inventário apresentado acima não esgota todas as possibilidades encontradas no PB nem reflete especializações ou variações regionais, mas é suficiente para estabelecer nossos objetivos, que são argumentar que esses itens (i) pertencem a classes gramaticais distintas, (ii) não têm o mesmo comportamento morfológico, e (iii) não ofendem pelas mesmas razões. Nesta seção, vamos propor nossa primeira tipologia que tem a ver com o comportamento semântico das expressões que analisaremos.

Os pejorativos das línguas naturais podem ser diferenciados semanticamente em pelo menos dois tipos: ofensas e injúrias (estas últimas podem ser subdivididas de acordo com as propriedades que definem os alvos das ofensas). Sendo assim, argumentaremos que entre os pejorativos derivados de nomes de animais também encontramos ofensas e diferentes tipos de injúrias. Para fazer tal análise, o primeiro passo é distinguir ofensa de injúria a partir de propriedades semântico-gramaticais.

Desde o trabalho seminal de Kaplan (1994), termos pejorativos são associados às suas condições de uso e não a condições de verdade, o que inaugura uma divisão no tipo de conteúdo semântico associado a itens e construções linguísticas. Atualmente, fala-se em “dimensão descritiva” para se referir a itens e construções cuja contribuição semântica é veri-condicional (ou descritiva), e que correspondem ao que tradicionalmente é analisado pela semântica das línguas naturais; por outro lado, há também a “dimensão expressiva”, que lida com itens e construções cuja contribuição semântica se dá numa dimensão não-descritiva e que não são veri-condicionais, mas sim uso-condicionais (ou expressivas)². Ao invés de descreverem situações do mundo, os termos e expressões uso-condicionais delimitam contextos nos quais podem ser adequadamente usados.

3

1 Obviamente, além de essa listagem não ser exaustiva, é importante mencionar que há variações regionais tanto no inventário (termos que ocorrem apenas em certas regiões, ou são mais comuns em certas regiões, mas não em outras) quanto em acepções de certos itens (que recebem interpretações particulares em certas localidades). É por isso, entre outras razões, que é importante mencionar que se trata da avaliação de falante do interior de São Paulo. Seja como for, é igualmente importante notar a estabilidade no uso e na interpretação de boa parte desses itens, que é justamente nosso foco aqui.

2 Há atualmente uma grande quantidade de trabalhos sobre o tema, como destaque para Potts (2005; 2007) e Gutzmann (2015; 2019). Sobre o português brasileiro, podemos citar Basso (2018), Basso e Souza (2023), Souza e Basso (2020), Quadros Gomes (2022), entre vários outros.

Assim, um pejorativo como ‘canalha’, por exemplo, não pode ser alvo de negação nem participa de certos acarretamentos, que são operações tipicamente associadas a conteúdos descritivos (veri-condicionais). Podemos ver algumas dessas características a partir dos exemplos abaixo:

- (1) O canalha do João foi demitido.
- (2) Não é verdade que o canalha do João foi demitido.
- (3) O João é um canalha.
- (4) O João foi demitido.

A sentença em (1), simplificada, traz como conteúdo descritivo (veri-condicional) que João foi demitido, e como conteúdo expressivo (uso-condicional) uma reprovação por parte do falante de João, expressa pelo uso de ‘canalha’. Note que a negação em (2) não afeta o item ‘canalha’ presente em (1); de modo similar, a partir de (1) podemos acarretar (4), mas não (3), que só pode ser acarretada se pronunciada pelo mesmo falante de (1), o que não acontece na relação entre (1) e (4).

Itens como ‘canalha’ são pejorativos que ofendem exclusivamente um único indivíduo, e, portanto, serão aqui classificados como ofensas. É interessante ainda notar que a contribuição descritiva de ‘canalha’ em (1), além de estar intrinsecamente ligado ao falante, não é facilmente capturada (parafrazeada) em termos descritivos que não tenham componente expressivo - Potts (2005) chama de “inefabilidade descritiva”, ou seja, termos expressivos não podem ser parafrazeados por termos (puramente) descritivos. De fato, definir o que é ‘canalha’ pode variar muito de falante a falante, e envolve uma conjunção aberta de outros predicados (não ser confiável, ser desonesto, tirar vantagens dos outros, etc.). Por isso, ao nos referirmos ao conteúdo descritivo de ofensas, usaremos o metapredicado “NEGATIVO”, cujo papel é capturar o fato de que se trata de um item que traz uma avaliação negativa do falante sobre um dado indivíduo³.

Por sua vez, as injúrias ofendem não apenas um único indivíduo, mas sim um grupo de indivíduos por meio de alguma característica descritiva cujo papel é

³ Talvez seja útil aqui considerar outros exemplos, como ‘imbecil’, ‘estúpido’, ‘filho da puta’, entre outros. Todos são diferentes quanto ao que compõe sobre ofensividade, mas todos podem ser capturados por “NEGATIVO”.

justamente identificar um grupo de indivíduos; tomemos como exemplo o item ‘macumbeiro’⁴ nas sentenças abaixo:

(5a) O João é um macumbeiro.

(5b) O João não é um macumbeiro.

Note que o falante que usa ‘macumbeiro’ ofende não apenas João, mas todas as pessoas que professam religião de matriz africana. Ou seja, tal item tem um componente descritivo que, no caso, é ‘professar religião de matriz africana’, e um componente expressivo que é o falante ter uma atitude negativa (preconceituosa) com relação a esse grupo; João é alvo do componente expressivo (pejorativo) justamente porque professa religião de matriz africana. É interessante ainda salientar que mesmo que o falante nega a agressão a João, com (5b), isso só acontece porque a expressão ‘macumbeiro’ continua a atacar todas as pessoas que professam as religiões alvo da injúria; dito de outra maneira, a negação de uma injúria não anula seu potencial ofensivo.

Mais explicitamente, podemos usar o esquema abaixo para ilustrar a diferença entre ofensas e injúrias - acima da linha, temos o conteúdo expressivo, e abaixo, o descritivo:

o falante tem uma atitude negativa com relação ao João

(3) O João é um canalha = -----

NEGATIVO

A linha que corresponde ao conteúdo descritivo do termo ‘canalha’ está preenchida com uma metapredicado “NEGATIVO” devido à “inefabilidade descritiva” sobre a qual discorreremos acima.

O esquema abaixo carrega uma injúria, e podemos ver, diferentemente, do que temos com ofensas, que o componente descritivo é uma propriedade cujo papel

4 É crucial lembrar que as injúrias são termos extremamente agressivos, cuja simples pronúncia ou uso instancia sua carga ofensiva, e é justamente por esse motivo que muitas delas são alvo de ações judiciais criminosas, como as injúrias raciais e homofóbicas, por exemplo, ‘macaco’ e ‘veado’. Por isso, de posse da distinção entre “uso vs. menção”, lembramos que ao longo deste texto apenas mencionamos os itens para investigá-los, eles não estão de forma alguma sendo usados.

é identificar um conjunto de indivíduos; no caso, ‘ser umbandista’. Esse fato configura injúrias como expressões mistas:

em geral, o falante não gosta de pessoas que professam religião de matriz africana

(5) O João é um macumbeiro = -----
João é umbandista

O esquema acima pode ser aplicado a qualquer injúria, diferindo apenas o componente descritivo, como o exemplo da injúria homofóbica ‘veado’⁵ que no caso seria “homens homossexuais”.

Conforme sugere Gutzmann (2015), as injúrias permitem exceções; assim, o falante que usa ‘macumbeiro’ em (6) expressa que não gosta de pessoas que professam religiões de matriz africana em geral, mas João, apesar de umbandista, é uma exceção para o falante. O mesmo não se dá com ofensas, e podemos atestar essa diferença contrastante com os seguintes exemplos:

(6) O João é um macumbeiro, mas eu não tenho nenhum sentimento ruim com relação a ele.

(7) # O João é um canalha, mas eu não tenho nenhum sentimento ruim com relação a ele.

A sentença (6) é boa justamente porque o falante, ao ofender todas as pessoas que professam religiões de matriz africana de modo genérico usando ‘macumbeiro’, permite exceções, e João é justamente uma delas. Por sua vez, (7) é pragmaticamente anômala porque ao usar ‘canalha’ adequadamente com relação a João, o falante não pode negar que possua sentimentos ruins com relação ao João.

Essa mesma distinção pode ser encontrada entre os pejorativos derivados de nomes de animais. Segundo a análise proposta por Basso e Silva (no prelo), é possível classificar esses itens em três categorias: ofensas, injúrias e injúrias de gênero (*gendered insults*)⁶. Esta última categoria é definida como itens ou construções aplicados de forma desproporcional a um membro de um

⁵ O termo ‘veado’ passou por um processo de (re)apropriação pela comunidade LGBTQIAP+, e é atualmente usado de forma positiva/afetiva ao referir-se a outra pessoa – em sua maioria homens – dentro dessa comunidade.

⁶ Scruton, 2017, utiliza a nomenclatura “*gendered insult*”.

determinado gênero, geralmente refletindo expectativas sociais, ou normas impostas a esse gênero, como no exemplo abaixo:

(8) Maria é uma piranha.

O termo ‘piranha’ é usado para atingir o grupo de mulheres, associando-as à prática de libertinagem. Assim, não atinge apenas o indivíduo Maria, mas também todas as mulheres, e se enquadra como uma injúria de gênero por conta do seu conteúdo descritivo.

Podemos encontrar algo semelhante com relação a ‘veado’ no exemplo abaixo:

(9) João é um veado.

O termo ‘veado’ é aplicado somente para homens, sendo considerado ofensivo para um determinado grupo, no caso homens homossexuais. Por esse motivo, configura-se como uma injúria, por carregar um componente descritivo que torna como alvo o grupo de indivíduos homossexuais masculinos. Dessa forma, entende-se que João é homossexual.

em geral, o falante não gosta de homossexuais

(10) João é um veado = -----

João é homossexual

Finalmente, um termo como ‘jumento’ pode ser considerado uma ofensa por ter apenas o indivíduo João como alvo, que nesse caso possui um comportamento tolo, estúpido.

(11) João é um jumento

o falante tem uma atitude negativa com relação ao João

(12) João é um jumento = -----

NEGATIVO⁷

⁷ Assim como no exemplo de ‘canalha’, usamos aqui o metapredicado “NEGATIVO” justamente porque ‘jumento’ carrega uma avaliação negativa devido a uma conjunção de predicados, entre os quais os mais proeminentes podem ser ‘ser teimoso’ e ‘não ser inteligente’.

Portanto, injúrias e ofensas são categorias gramaticais distintas dentro dos pejorativos, justamente porque possuem propriedades e comportamentos linguísticos específicos.

A tabela a seguir, baseada na análise de Basso e Silva (no prelo), apresenta um resumo da classificação dos pejorativos derivados de nomes de animais segundo o que vimos até aqui:

Ofensas	Injúrias	Injúrias de gênero
anta, burro, cão, cobra, jumento, porco, jegue, égua, mula, rato, tartaruga, toupeira	veado, macaco, baleia	cachorra, cadela, galinha, perua, piranha, vaca

Tabela 1: Baseado na classificação de Basso e Silva (no prelo)

Essa tabela serve também para apresentar os itens que analisaremos na sequência e que compõem o corpo de dados do presente artigo. Na próxima seção, exploraremos algumas propriedades morfológicas dos itens que formam esse inventário.

8

PEJORATIVOS DERIVADOS DE NOMES DE ANIMAIS E SUAS MORFOLOGIAS

Considerando agora propriedades morfológicas, uma primeira distinção a ser feita aqui tem a ver com gênero gramatical e com o gênero do alvo da pejoratividade, e assim notamos as seguintes possibilidades:

a) termos que se aplicam indistintamente a homens e mulheres, sem concordância de gênero gramatical: anta, baleia, cão, cobra, égua, jegue, mula, tartaruga, toupeira;

Ela/Ele é uma anta/tartaruga...

b) termos que se aplicam indistintamente a homens e mulheres, com concordância de gênero gramatical: burro (a), jumento (a), macaco (a), porco (a), rato (a);

Ela/Ele é uma/um burra/burro...

c) termos que se aplicam a homens e mulheres, porém com significados diferentes, sem concordância de gênero gramatical: galinha;

Ela/Ele é uma/um galinha

d) termos que se aplicam a homens e mulheres, porém com significados diferentes, com concordância de gênero gramatical: cachorro (a);

Ela/Ele é uma/um cachorra/cachorro

e) termos que se aplicam somente a homens: veado;

*Ela/Ele é um veado

f) termos que se aplicam somente a mulheres: cadela, perua, piranha, vaca.

Ela/*Ele é uma vaca

Em resumo, sob esse ponto de vista temos as seguintes categorias:

a)	b)	c)	d)	e)	f)
anta, baleia, cão, cobra, égua, jegue, mula, tartaruga, toupeira	burro, jumento, macaco, porco, rato	galinha	cachorro	veado	cadela, perua, piranha, vaca

Tabela 2: Padrões de concordância

Ainda sobre a forma desses itens, podemos nos perguntar sobre sua variação em número, e o resultado aqui parece ser previsível, ou seja, é possível que tais termos ocorram no singular e no plural, preservando a mesma interpretação. Obviamente, por se tratar de expressões que aparecem muito mais em situações orais de informalidade, a expectativa é que a concordância não se realize como se espera nas versões prestigiadas de português, mas se trata apenas de uma

variação morfossintática que não acarreta diferença de significado, como exemplificamos nos exemplos abaixo:

(13) A Ana e a Maria são umas vaca(s).

(14) O Pedro, o João, e a Maria são muito burro(s).

O exemplo (14), além de evidenciar a questão sobre morfologia de número, também mostra que alguns pejorativos derivados de nomes de animais são graduais, e, portanto, podem se combinar com intensificadores como ‘muito’ e participar de estruturas de comparação, como em (15) e (16), respectivamente:

(15) O Pedro é muito anta/jumento/porco/cobra/rato/égua.

(16) O João é mais burro do que o Pedro.

A possibilidade de intensificação parece ser uma característica que se aplica a todos os termos que são ofensas ((14)-(15)) e injúrias ((17)-(18)), assim como a possibilidade de aparecer em estruturas comparativas ((19) para ofensas, e (20)-(21) para injúrias). A exceção seria uma injúria ou uma ofensa que não está relacionada a uma escalaridade, que, dos nossos exemplos, parece ser o caso da injúria racial ‘macaco’ ((22)-(23))⁸:

(17) A Maria é muito vaca/piranha/galinha/cadela/perua/baleia.

(18) O João é muito veado/baleia.

(19) O Pedro é mais anta/jumento/porco/cobra/rato/égua do que o João.

(20) A Maria é mais vaca/piranha/galinha/cadela/perua/baleia do que a Ana.

(21) O João é mais veado/baleia que o Pedro.

(22) ?? O João é mais macaco que o Pedro.

(23) ?? O João é muito macaco.

Outra questão interessante ligada à escalaridade dos itens em análise se refere à possibilidade de haver variação de grau aumentativo e diminutivo, e se essa

⁸ Podemos aventar que a razão para essa impossibilidade de gradação tem a ver com a origem da ofensa, que é distinguir pessoas com peles claras e pessoas com peles escuras de modo categórico, sem haver escalaridade envolvida aqui por parte do ofensor.

variação, quando possível, leva a interpretações diferentes. A tabela abaixo resume algumas das possibilidades encontradas:

Ofensa	Aumentativo	Interpret. expr.	Diminutivo	Interpret. expr.
anta	*	*	*	*
burro	burrão/ona	intensificação	burrinho/a	atenuação
cachorro	cachorrão/ona	intensificação	cachorrinho/a	atenuação
cavalo	?cavalão/lona	intensificação	*	*
cobra	*	*	*	*
égua	*	*	*	*
jegue	*	*	*	*
jumento	*	*	*	*
mula	*	*	*	*
perua	*	*	*	*
porco	porcão/ona	intensificação	porquinho	atenuação
rato	*	*	*	*
tartaruga	*	*	*	*
toupeira	*	*	*	*

Injúria	Aumentativo	Interpret. expr.	Diminutivo	Interpret. expr.
baleia ⁹	*	*	*	*
cadela	??cadelona	intensificação	cadelinha	atenuação
galinha	*	*	*	*
macaco	*	*	*	*
piranha	??piranhona	intensificação	?pirainha	*
vaca	*	*	*	*
veado	veadão	ateanuação	viadinho	intensificação

Tabela 3: Aumentativo e diminutivo

Uma primeira previsão, baseada na interpretação dimensional de aumentativos e diminutivos, é a de que o diminutivo deveria ser similar a ‘pouco’, diminuindo o grau associado a um determinado indivíduo na escala ligada a uma propriedade¹⁰; e o aumentativo similar a ‘muito’, aumentando o grau. Contudo, como a tabela assim mostra, nem todos esses termos permitem seu uso no aumentativo e no diminutivo, o que nos leva a questionar quais permitem e as razões para tanto. E essa situação é ainda mais surpreendente considerando que, como vimos acima, essas expressões podem ser intensificadas e participam de estruturas comparativas.

As atitudes pejorativas possuem interpretações sempre expressivas, porém existe uma manipulação do grau da expressividade - há uma intensificação da atitude e do componente pejorativo, ou uma atenuação. Nos exemplos a seguir, podemos interpretar o quão um indivíduo acha que aquela pessoa não é inteligente.

⁹ Apesar de “baleinha” e “baleião” existirem no domínio do futebol (<https://www.instagram.com/baleinhaebaleiao/>), não parece ser o caso que essas formas possam ser usadas como injúrias.

¹⁰ A ideia aqui é pensar em escalas como aquelas ligadas a adjetivos escalares, conforme proposto por Kennedy (1995; 2007), e Kennedy e McNally (2005).

(23) Aumentativo: João/Maria é (um/a) burrão/ona = indivíduo muito burro - intensificação

(24) Diminutivo: João/Maria é (um/a) burrinho/a = indivíduo pouco burro - atenuação

Quando injúrias podem também ser combinadas com aumentativos e diminutivos, o resultado é semelhante, com exceção da injúria homofóbica ‘veado’; repare no seguinte exemplo:

(25) João é um veadão

(26) João é um viadinho

Aqui, percebe-se que o diminutivo ‘viadinho’ é mais ofensivo do que o aumentativo ‘veadão’. O termo ‘viadinho’ reforça a injúria de orientação sexual e ‘veadão’ parece funcionar mais como um atenuador. Obviamente, em ambos os casos, o caráter homofóbico ofensivo da injúria se mantém; atenuar não é anular. É interessante notar que o aumentativo nem sempre reforça a ofensa e o diminutivo, nem sempre possui um papel de atenuador¹¹.

Com a tabela 3, podemos perceber que dos 21 termos derivados de nomes de animais, 14 são considerados ofensas e desses apenas 4 aceitam aumentativo e diminutivo, sendo que 1 aceita somente aumentativo (‘cavalo’). E considerando as 7 injúrias elencadas, 3 aceitam aumentativo e diminutivo.

Antes de passarmos à próxima seção, sobre a natureza da pejoratividade, é interessante tecermos algumas considerações mínimas sobre a distribuição sintática desses itens. Sendo assim, o que vemos é que a distribuição sintática dos pejorativos derivados de nomes de animais aparecem comumente como predicativo, de preferência depois do artigo indefinido que concorda com o pejorativo, como nos exemplos abaixo - os subscritos remetem a “ofensa” (OF), “injúria” (INJ) e “injúria de gênero” (IDG):

(27) O João é (um) burro_{OF}/veado_{IDG}/baleia_{INJ}

¹¹ Comportamentos parecidos foram notados por Fortin (2011) para o espanhol; o autor denomina “morfologia expressiva” e os recursos morfológicos que atuam sobre itens com significados expressivos e modificam sua interpretação.

(28) A Maria é (uma) anta_{OF}/piranha_{IDG}/baleia_{INJ}

Além disso, outra estrutura comum para esses itens é a seguinte, que podemos associar a epítetos (cf. Saab, 2022), e podem aparecer como em posições argumentais de um predicado principal:

(29) A vaca_{IDG}/anta_{OF}/baleia_{INJ} da Maria conversou com o João.

(30) A Maria conversou com o veado_{IDG}/burro_{OF}/baleia_{INJ} do João.

Há também estruturas exclamativas ((31)) e vocativas ((32)-(33)) em que tais itens aparecem:

(31) Que veado/porco/vaca/piranha!

(32) Seu porco/cachorro/cavalo/macaco!

(33) Sua baleia/anta!

Depois de tecidas essas considerações sobre a morfologia e a sintaxe¹² de tais expressões, passaremos a nossa próxima tipologia que tem a ver com a natureza das ofensas associadas ao nosso objeto de investigação, pejorativos derivados de nomes de animais.

14

Uma tipologia semântica para os pejorativos derivados de nomes de animais

Nesta seção, nosso intuito é fazer uma terceira tipologia para os pejorativos derivados de nomes de animais, e agora investigar quais são os aspectos envolvidos na natureza pejorativa dos termos investigados, ou seja, qual é a origem da pejoratividade.

Como adiantamos, em comum, todas essas expressões instanciam a estratégia conhecida como “desumanização”, ou seja, o falante compara o alvo de sua ofensa a um animal, ou a alguma característica atribuída a um animal, justamente devido ao fato de animais serem considerados inferiores aos seres humanos, de modo a gerar uma ofensa.

A estratégia de “desumanização” por comparação, contudo, pode se dar por diferentes parâmetros, como comportamentos, estereótipos e mesmo o formato do corpo. Assim, um primeiro olhar permite identificar que há expressões que

¹² Para aprofundar mais sobre a estrutura sintática de injúrias e ofensas, cf. Gutzmann (2019) e Saab (2022).
Afluentes: Revista de Letras e Linguística, Bacabal, v. 9, n. 25, p. 01-23, jan/jun. 2024

têm a ver com comportamento sexual ('piranha', 'cachorro'), com capacidade cognitiva ('burro', 'anta') e formato do corpo ('baleia'). No que segue, detalharemos um pouco mais essas possibilidades, dividindo-as em corporal, mental/cognitivo, comportamental, racial, sexual e orientação sexual, que são as categorias que postulamos neste artigo. Feito isso, faremos um cruzamento entre essas categorias e os tipos diferentes de pejorativos, como ofensas, injúrias e injúrias de gênero.

COMPORTAMENTAL

Expressões como 'cachorro', 'cavalo', 'cobra', 'égua', 'mula', 'perua', 'porco(a)', 'tartaruga' e 'rato' podem ser classificados como "comportamentais", por se referirem a um conjunto de atitudes que refletem aspectos do convívio social, e indicam atitudes condenáveis, que violam as normas desse convívio, seja por envolver falta de confiança, grosseria, teimosia, ou (falta de) hábitos de higiene pessoal do alvo da ofensa, como nos exemplos a seguir:

- (36) João é um cachorro
- (37) Aquele rato do João
- (38) João é um cavalo
- (39) Maria é uma cobra
- (40) João/Maria é uma mula
- (41) João/Maria é um(a) porco(a)

Entre as acepções possíveis para as expressões apresentadas em (36)-(41), podemos encontrar as seguintes: 'cachorro': homem safado, canalha, que não tem caráter, e tem pouco ou nenhuma conotação sexual; 'cavalo': pessoa grosseira, sem modos¹³; 'cobra': pessoa de má índole, perigosa, traiçoeira; 'rato': pessoa pouco confiável; 'mula': pessoa dissimulada, teimosa; 'porco(a)'¹⁴:

¹³ Parte dessas acepções foram baseadas no que se encontra no Dicionário inFormal (<https://www.dicionarioinformal.com.br>), que traz definições baseadas na intuição de quem contribui com a iniciativa.

¹⁴ 'Porco' também faz referência ao apelido do time de futebol Palmeiras, que teve origem em um episódio há mais de 50 anos em que o presidente alvinegro Wadil Helu afirmou que o Palmeiras teve "espírito de porco" em uma situação envolvendo o time do Corinthians. Inicialmente, o apelido surgiu de forma negativa. Entretanto, ao longo do tempo, o termo 'porco' passou pelo processo de reapropriação (do inglês,

pessoa que possui má higiene, é descuidada, suja. É possível usar esse termo tanto para homens (porco) quanto para mulheres (porca) permanecendo a mesma acepção, apenas flexionando o gênero gramatical; já o termo ‘tartaruga’ significa: pessoa devagar, lenta.

CORPORAL

Na sociedade contemporânea a percepção de um “corpo ideal” é o corpo magro, que é difundido por diversos veículos midiáticos, que envolve também padrões de beleza, pressões sociais e histórico-culturais. Assim, nesse contexto, o corpo gordo torna-se alvo de discriminação, manifestada de diversas formas, entre elas o uso de termos pejorativos.

Uma das consequências disso é a percepção da “gordofobia”, que, pode ser definida como uma rejeição ou aversão preconceituosa com relação a pessoas gordas que ocorre em contextos afetivos, sociais e profissionais.

Entre os nossos exemplos, o termo ‘baleia’ trata diretamente do formato do corpo de uma pessoa, referindo-se assim ao tipo corporal. É um exemplo de gordofobia, ou seja, do preconceito contra pessoas gordas e que já possui consequências jurídicas na esfera criminal e cível no Brasil. Em geral, devido ao machismo presente na sociedade brasileira, esse termo pode ser mais associado a mulheres, mas não é unicamente dirigido a esse grupo, podendo ser usado tanto para homens quanto para mulheres, e assim não configura uma injúria de gênero, mas ainda assim uma injúria.¹⁵

Sendo assim, quem emprega ‘baleia’ como um pejorativo expressa uma ofensa dirigida ao grupo de pessoas gordas, e tal expressão se configura como um termo misto, conforme ilustrado no esquema para o exemplo (10). Usos pejorativos desse termo podem ser vistos com os exemplos abaixo:

(34) Maria é uma baleia

(35) João é uma baleia

reclamation) na torcida do Palmeiras. Em 1986, o time adotou o termo como apelido e mascote, sendo usado até hoje.

¹⁵ É crucial pontuar que reconhecemos a existência de uma pluralidade de identidades de gêneros. Contudo, para esse artigo, nos baseamos na divisão binária de gênero com a qual (ainda) vivemos.

MENTAL/COGNITIVO

Vários dos pejorativos analisados aqui podem ser classificados como “mentais” ou “cognitivos”, no sentido de que sua pejoratividade envolve referência à (in)capacidade cognitiva atribuída pelo falante a um dado indivíduo. Todos esses termos mantêm a mesma acepção quando referidos a homens e a mulheres, e podem ser exemplificados por termos como ‘anta’, ‘burro (a)’, ‘jegue’¹⁶, ‘jumento (a)’, ‘mula’ e ‘toupeira’.

RACIAL

Entre os pejorativos derivados de nomes de animais que se apoiam num conceito de “racialização” para perpetrar sua ofensa, encontramos a injúria racial ‘macaco(a)’, infelizmente ainda comum em nossa sociedade atual. Não podemos nos furtar a dizer que se trata de uma prática lamentável e inaceitável que carrega uma carga histórica de discriminação e é crime. Podemos ver comentários de teor racista em diversas esferas de atividade interativa, como nas redes sociais e nos esportes, principalmente no futebol.

17

SEXUAL

É certo que o comportamento sexual, ainda bastante tabu, é mais libertário do que foi no passado, e isso pode ser visto no fato de que alguns termos cuja origem tem a ver com comportamento sexual têm usos nos quais esse componente é, de certa forma, diluído, e expressa mais fortemente uma emoção negativa do falante. Um exemplo aqui pode ser o termo ‘vaca’, uma injúria de

¹⁶ ‘Jegue’ além de ser do tipo mental também pode ser do tipo sexual por ser um termo sexualmente carregado.

gênero que tem menos conotação sexual do que já teve em outras épocas. Isso quer dizer que alguns termos da categoria sexual podem estar em transição para outras categorias.

Com isso em mente, alguns dos termos que cabem aqui seriam ‘cachorra’, ‘cadela’, ‘égua’, ‘galinha’, ‘piranha’ e ‘vaca’¹⁷. Percebe-se que essas expressões são injúrias de gênero, cujo alvo é quase sempre mulheres - mais um testemunho do machismo enraizado na sociedade brasileira atual. Possíveis significados associados às expressões ‘piranha’, ‘cachorra’, ‘cadela’, ‘galinha’¹⁸, ‘vaca’ tem a ver com promiscuidade, ou pessoa (mulher) desagradável, para a qual se tem uma atitude negativa.¹⁹

ORIENTAÇÃO SEXUAL

Os termos ‘veado’ ou ‘viado’ são usados de maneira pejorativa para se referir a pessoas homossexuais, mais especificamente a homens gays²⁰. A palavra ‘veado’, grafada com <e>, é originalmente usada para se referir a um animal da família dos cervídeos, como os cervos, mas acabou por ser usada como um termo homofóbico dirigido a homens homossexuais.

É interessante notar que a grafia dessa palavra também acontece como <viado>, e é algo que podemos notar claramente ao coletarmos dados sobre <veado> e <viado> dos últimos 20 anos pelo *Google Trends*²¹. É possível observar que houve uma alteração em relação à grafia quando se trata do uso pejorativo, mais associado à escrita com <i>: <viado> é exclusivamente usado como pejorativo e sua ocorrência aumentou muito com relação à grafia <veado>. Vejamos o gráfico abaixo coletado do *Google Trends*:

18

¹⁷ Se compararmos ‘vaca’ com a versão masculina ‘touro’ veremos que ‘touro’ não apenas não é depreciativo, como também representa um sinônimo de força, caracterizando um homem robusto e vigoroso, e que é mais um exemplo de viés machista.

¹⁸ ‘Galinha’ também pode ser usado para homens, no entanto, é bem menos pejorativo do que quando usado para mulheres

¹⁹ Em 2020, uma moradora de Rio do Sul, em Santa Catarina, após ser chamada de ‘vaca’ em uma rede social, recebeu indenização de 1,5 mil, pois a justiça catarinense considerou se tratar de conduta criminosa.

²⁰ Esse termo foi ressignificado e sofreu o processo de reapropriação dentro da comunidade LGBTQIAP+ que se tornou um termo afetivo, chamar outra pessoa ou se autodenominar de ‘viado’, assim como acontece com ‘sapatão’ que se refere às pessoas lésbicas.

²¹ O *Google Trends*, segundo o próprio site, “é uma ferramenta gratuita que permite acompanhar a evolução do número de buscas por uma determinada palavra-chave ao longo do tempo. Ao pesquisar por uma palavra, o *Google Trends* mostra um gráfico em que o eixo horizontal representa o tempo e o vertical, o volume de buscas.”

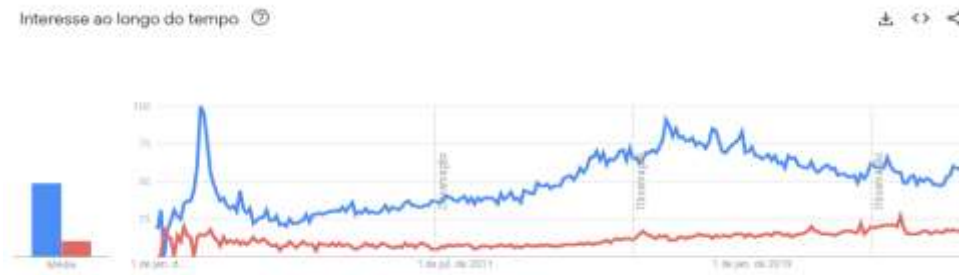


Gráfico 1: Evolução comparativa da ocorrência de <veado> e <viado>

O que está em azul refere-se a 'viado' e o que está em vermelho a 'veado', tais dados foram contabilizados no período de 2004 a 2024.²²

Agora que pudemos apresentar as categorias relevantes e seus exemplos, faremos uma organização dos dados na sequência.

OFENSAS, INJÚRIAS E SUAS FONTES

19

Assim como o que conta como pejorativo, é crucial ressaltar que as categorias nas quais classificamos os termos são baseadas em nossas percepções da sociedade atual e estão passíveis de alterações, afinal a língua está em constante mudança. Seja como for, apresentamos nas tabelas a seguir uma organização dos dados que levantamos com relação à origem de sua pejoratividade para termos pejorativos derivados de nomes de animais.

A tabela abaixo traz um resumo dos resultados de nossas análises considerando os termos investigados e sua pejoratividade:

²² Consultado em 09/05/2024.

Comportamental	Formato do corpo	Mental	Orientação sexual	Racial	Sexual
cachorro, cadela, cavalo, cobra, égua, perua, piranha, rato, tartaruga, vaca ²³	baleia	anta, burro, jegue, jumento, mula, toupeira	veado	macaco	cadela, galinha, piranha ²⁴ , vaca

Tabela 4: Distribuição dos pejorativos

Como podemos ver, segundo nossa tipologia, a maior parte dos pejorativos derivados de animais estão ligados a comportamentos e, em seguida, à sexualidade e a aspectos mentais/cognitivos. Vemos também que em todos os casos a estratégia de comparar o alvo da ofensa a animais está presente, como mencionamos anteriormente.

A tabela a seguir, organiza a categoria dos termos aqui investigados (ofensas, injúrias e injúrias de gênero) a partir da origem de sua pejoratividade:

	Injúria	Injúria de gênero	Ofensa
Comportamental		cadela, piranha, vaca	cachorro, cavalo, cobra, égua, perua, tartaruga, rato
Formato do corpo	baleia		
Mental			anta, burro, jegue, jumento, mula, toupeira
Orientação sexual		veado	
Racial	macaco		

²³ 'Vaca' é um pouco mais comportamental do que sexual.

²⁴ 'Piranha' é um pouco mais sexual, mas é comportamental também.

Sexual		cadela, galinha, piranha, vaca	
---------------	--	-----------------------------------	--

Tabela 5: Categoria de pejorativos e origem da pejoratividade

A tabela 5 nos mostra a relação dos termos classificados como injúrias, injúrias de gênero e ofensas com cada categoria apresentada anteriormente. Uma observação interessante é que a maioria dos termos que são considerados ofensas se enquadram como comportamentais e em seguida estão as ofensas do tipo “mental/cognitivo”. Com relação às injúrias de gênero, ainda que haja itens que podem aparecer em mais de uma categoria, vemos uma quantidade desproporcional que tem mulheres como alvo, e sua categoria é a de comportamento sexual, revelando um retrato dos valores da sociedade brasileira atual.

Diante dessa organização dos dados, passemos às conclusões deste artigo.

CONCLUSÃO

Vimos que os pejorativos derivados de nomes de animais não funcionam todos da mesma maneira, e podem ser classificados em três tipos de acordo com seu comportamento semântico-gramatical, como ofensas, injúrias e injúrias de gênero.

De posse dessa distinção, analisamos algumas propriedades morfossintáticas dessas expressões, com especial foco na manifestação da escalaridade, que pode ser capturada, entre outras propriedades, pela compatibilidade com os intensificadores ‘muito’ ou ‘pouco’, aparecer em estruturas comparativas (“mais que”, “menos que”) e a combinação com sufixos aumentativos e diminutivos. Neste último caso, a hipótese inicial é a de que aumentativos intensificaram os graus que os indivíduos apresentam numa dada escala, associado ao pejorativo em questões, e os diminutivos, atenuaram tais graus. Contudo, apesar de serem itens escalares, com exceção de ‘macaco/a’, nem todos se combinarão com os sufixos de grau, assim como nem sempre o resultado é dentro do esperado, como vimos para o caso da injúria homofóbica ‘viado’. Com relação à sintaxe,

exploramos algumas das possibilidades de ocorrência nas sentenças do PB, salientando a versatilidade de usos.

Por fim, na seção 3, exploramos a natureza da ofensividade associado a pejorativos derivados de nomes de animais, mostrando que eles se concentram nas categorias “comportamental” e “mental/cognitiva” para ofensas, e em “sexual” para injúrias de gênero que têm como alvo, na imensa maioria dos casos, mulheres.

Como esperamos demonstrar, a partir de um inventário não exaustivo de pejorativos derivados de nomes de animais do PB atual, pudemos elaborar estratégias de análise que podem ser aplicadas a um inventário ampliado. Esses termos possuem funções, efeitos e possibilidades de uso bastante variados. Em geral, o uso de nomes de animais para ofender, basicamente, instiga a estratégia, de diferentes formas, de diminuir características humanas das pessoas atacadas comparando-as a animais, tendo como base uma ideia preconceituosa de “especismo”, ou seja, que humanos são intrinsecamente melhores e/ou superiores a outras espécies. No entanto, isso não significa que todos os itens aqui analisados tenham o mesmo comportamento gramatical nem que realizam ofensa pelas mesmas razões; esta última conclusão, como adiantamos, pode ser usada também como imagem dos valores da sociedade brasileira revelada através de análises linguísticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, C. J. A política sexual da carne: Uma teoria crítica feminista-vegetariana. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.
- ASHWELL, L. Gendered Slurs. *Social Theory and Practice*, 2016.
- BASSO, R. M. SILVA, G. C. Uma tipologia linguística para as ofensas baseadas em nomes de animais no português brasileiro. 2024.
- BOUSFIELD, D, LOCHER, M. A. (eds) *Impoliteness in Language: Studies on its Interplay with Power in Theory and Practice*, Berlin, NY: Mouton de Gruyter, 2008.
- CHRISTOPHER, D, MCCREADY, E. The Instability of Slurs. In: *Grazer Philosophische Studien*, 2020.
- DE BAÉRE, ZANELLO, ROMERO, Felipe, Valeska, Ana Carolina. Xingamentos entre homossexuais: transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero? *Revista Bioética*, volume 23, número 3. [s. l.], 23 mar. 2015.

GUARANHA, M. F. (Orgs.). Descortesia e Cortesia: expressão de culturas. São Paulo: Cortez, 2017.

GUTZMANN, D. The Grammar of Expressivity. (Oxford Studies in Theoretical Linguistics 72) Oxford: Oxford University Press, 2019.

HESS, L. Slurs: Semantic and pragmatic theories of meaning. In P. Stalmaszczyk (Ed.), The Cambridge handbook of the philosophy of language. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

LEACH, E. Antropologia (R. Da Matta, org.). São Paulo: Ática, 1983.

POPA-WYATT, M. Reclamation: Taking Back Control of Words, Grazer Philosophische Studien. Berlin, 2020.

SCRUTON, E. Gendered Insults in the Semantics-Pragmatics Interface. Bachelor thesis, Yale University, 2017.]

TERKOUFARI, M. Toward a unified theory of politeness, impoliteness and rudeness. In: BOUSFIELD, D.; LOCHER, M. A. (Eds.). Impoliteness in Language. Berlin, NY: Mouton de Gruyter, 2008.

KENNEDY, C. Projecting the adjective. PhD Dissertation. University of California at Santa Cruz, 1997.

_____. Vagueness and grammar: the semantics of relative and absolute gradable adjectives. Linguistics and Philosophy, 30(1), p. 1-45, February 2007.

KENNEDY, C.; McNALLY, L. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. Language, 81(2), p. 345-381, 2005.

23

Enviado em: 16 de junho de 2024

Aprovado em: 23 de agosto de 2024